

# Gramsci e a revolução russa

**Giovanni Semeraro**

“A revolução é algo grande e tremendo, não um jogo para diletantes ou uma aventura romântica” (A. Gramsci).

## 1. Escritos do período pré-carcerário

Gostaria de parabenizar a todos/as que organizaram este ciclo de debates exatamente na semana em que se celebra o centenário da Revolução russa. De fato, no dia 7 de novembro de 1917 (25 de outubro, conforme o calendário russo/Juliano), a ocupação do Palácio do Inverno em Petrogrado pelos bolcheviques, liderados por Vladimir Lênin, levou à culminância a crescente insurgência popular eclodida desde a insurreição de 1905 (massacrada no famigerado “Domingo Sangrento” de 9 de janeiro) e fermentada por um intenso processo de anos de greves, mobilizações, resistência, exílio, Primeira Guerra Mundial. A partir da “revolução de fevereiro” e da abdicação do Czar Nicolau II em março de 1917, da instauração do governo provisório do Príncipe Lvov no mesmo mês e em julho de Aleksandr Kerenski, os eventos se precipitaram durante aqueles meses que Gramsci descreve “de liberdade, de discussões, de propaganda permitindo que o proletariado russo se reconhecesse, se organizasse, fixasse outra etapa a ser alcançada [...] e iniciasse concretamente a transformação do mundo econômico e social da velha Rússia czarista”<sup>1</sup>.

Surpreendente e impressionante pelas proporções gigantescas de movimento de massa, Gramsci descreve a Revolução russa como “o fenômeno mais grandioso até agora produzido pela ação humana”<sup>2</sup>, uma “revolução proletária” organizada por sovietes (o poder popular dos conselhos de operários, camponeses e soldados), uma “fábrica incandescente” que, com seu poder “destruidor e criador”, irá mudar profundamente a Rússia e ter uma repercussão incalculável na Europa e na história mundial.

---

<sup>1</sup> Gramsci, A., “Kerenski-Tchernov”, in C.N.Coutinho (org.), *Escritos Políticos I*, vol I 1910-1920, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2004, p. 114.

<sup>2</sup> Gramsci, A., “Notas sobre a revoluzione russa”, in *Escritos Políticos I*, op.cit. p.103.

Examinando os textos de Gramsci escritos durante os anos próximos a esse evento, mesmo à distância na Itália e tendo informações precárias, percebe-se o impacto sobre ele da Revolução de Outubro, uma façanha popular coletivamente construída que plasmou a política, a economia e a sociedade da Rússia. Neste sentido, é praticamente consenso entre os analistas que a Revolução bolchevique tornou-se um verdadeiro “ponto de virada política, teórica e existencial”, a partir do qual Gramsci iniciou o amadurecimento de seu pensamento e a sua trajetória de militante político<sup>3</sup>.

Não há dúvida de que, devido à sua formação juvenil marcada pela cultura neoidealista predominante na Itália de seu tempo, a leitura feita por Gramsci da Revolução russa valoriza mais a “subjetividade” dos seus protagonistas, as iniciativas da vontade, a consciência, contrapondo-as ao “objetivismo” positivista, ao evolucionismo e ao economicismo presentes também dentro de significativos setores do marxismo. Exemplo nítido dessa visão pode ser conferido no célebre artigo escrito a pouco mais de um mês do Outubro de 1917 com o título chamativo “A revolução contra *O Capital*”. Neste texto, contra os esquematismos impostos à história, Gramsci enaltece a ousadia, a criatividade e a determinação dos revolucionários bolcheviques que plasmam a “matéria telúrica em ebulição” e “vivem o pensamento marxista, o que não morre nunca [...] e criarão as condições necessárias para a realização completa e plena do seu ideal”<sup>4</sup>. Desmentindo as leituras difundidas sobre *O Capital* de Marx por analistas doutrinários e evolucionistas (predominantes na II Internacional), que pregavam a inexorável marcha em direção ao socialismo e ao comunismo e a impossibilidade de queimar etapas na história, os bolcheviques mostravam que era possível deflagrar a revolução também em países atrasados sem esperar pelo desenvolvimento do capitalismo e a estruturação da classe operária industrial.

Para Gramsci, “a nova história da sociedade humana”<sup>5</sup> inaugurada com liberdade e criatividade na Revolução proletária russa enfrenta o desafio da organização do poder popular que subverte não só séculos de autoritarismo,

---

<sup>3</sup> Liguori, G., “Gramsci e a Revolução de Outubro”, in *O Social em Questão*, vol 1, n. 39, set-dez. 2017, p. 20.

<sup>4</sup> Gramsci, A., in *Escritos Políticos I*, op.cit. p.127.

<sup>5</sup> Gramsci, A., “Um ano de história”, in *Escritos Políticos I*, op.cit. p.158.

mas “rejeita qualquer forma de messianismo, ilusão, soluções apressadas” e as limitadas formas de democracia burguesa. De fato, na concretização deste assombroso evento, Gramsci observa que “todos os homens se tornam artífices de seu próprio destino” porque “na Rússia procura-se realizar o governo com o consenso dos governados, com a autodecisão efetiva dos governados, já que os cidadãos não estão ligados aos poderes por laços de sujeição, mas torna-se real uma coparticipação dos governados nos poderes”<sup>6</sup>. Tais conquistas, para Gramsci, representam a verdadeira celebração da liberdade e da democracia que derrubam todo sistema autocrático, rompem com as teorias elitistas de poder e instituem a livre e organizada participação popular em todos os segmentos da sociedade. Os soviets, de fato, “núcleos vivos” do novo ordenamento em osmose contínua com a população, compartilham decisões indo além da democracia parlamentar-burguesa e constituem “a sociedade humana que se desenvolve sob o controle do proletariado”. Nesta nova sociedade “Todos os trabalhadores podem fazer parte dos soviets, todos podem influir para modificá-los e torná-los mais expressivos da vontade e dos desejos deles”<sup>7</sup>.

Mas, Gramsci não é apenas um jovem jornalista deslumbrado com a grandiosidade e os resultados da Revolução russa. Além de divulgar com entusiasmo esses fatos extraordinários, se envolve diretamente com os Conselhos de Fábrica de Turim (uma tradução dos soviets russos), com atividades políticas e culturais entre os operários e com a criação da revista *L'Ordine Nuovo*.

A “nova ordem” preconizada por este periódico vai além das “comissões internas” que desempenham “funções de arbitragem e disciplina” impostas pelos empresários e das organizações dos operários que se limitam a reivindicar melhorias salariais sem combater a ordem capitalista. Em conformidade com as experiências dos Conselhos de Fábrica Gramsci dedica-se a formar os operários como produtores associados em condições de “substituir o capitalista em todas as suas funções” e criar um novo Estado e

---

<sup>6</sup> Gramsci, A., “Para conhecer a Revolução russa”, In *Escritos Políticos I*, op.cit., p.190.

<sup>7</sup> Gramsci, A., “Utopia”, In *Escritos Políticos I*, op.cit., p.208.

uma nova civilização<sup>8</sup>. Como se sabe, os Conselhos e *L'Ordine Nuovo* tiveram um papel crucial não só na crítica à orientação reformista dos sindicatos e à tibieza do Partido Socialista Italiano (PSI), mas fomentaram também a constituição de conselhos operários na Fiat-Brevetti, na Federação Italiana dos Operários Metalúrgicos (FIOM) e em diversas fábricas de Turim.

É preciso, no entanto, observar que se os soviets (órgãos coordenadores de poder popular) foram a fonte de inspiração, os Conselhos de Fábrica de Turim não são a reprodução mecânica da experiência russa. Para Gramsci, conforme ocorreu particularmente durante a ocupação das fábricas em Turim no “biênio vermelho” (1919-20), o sujeito revolucionário não é constituído por nenhum comitê ou órgão coordenador, mas forja-se essencialmente na experiência concreta da “fábrica, no âmbito da produção, onde as relações são entre opressor e oprimido, explorador e explorado, onde não existe liberdade para o operário, onde não existe democracia”<sup>9</sup>. A revolução efetiva deve, portanto, fazer do “‘território nacional’ do autogoverno operário”<sup>10</sup> o lugar fundamental a partir do qual plasmar toda a sociedade.

Esta visão se conecta com a tradição do movimento operário deflagrado na Europa, desde os sindicatos da Inglaterra até a fundação da Primeira Internacional em 1864, cuja concepção básica pode ser sintetizada no conhecido lema: a emancipação dos trabalhadores tem que ser obra dos próprios trabalhadores. Por isso, Gramsci afirma que: “Nós temos simplesmente o defeito de acreditar que a revolução comunista pode ser realizada só pelas massas, e não por um secretário de partido nem por um presidente de república a golpes de decretos; parece que também este fosse o ponto de vista de Karl Marx e de Rosa Luxemburgo e a opinião de Lenin”<sup>11</sup>. Neste sentido, em sintonia com a Comuna de Paris de 1871, “a Revolução russa é uma revolução proletária” que “ignorou o jacobinismo, fenômeno puramente burguês” restrito a interesses particularistas da própria classe e fator de violência. E, portanto, a sua indagação: “Por que os revolucionários

---

<sup>8</sup> Gramsci, A., “Democracia Operária”, In *Escritos Políticos I*, op.cit., p. 247.

<sup>9</sup> Gramsci, A., “Conselho de Fábrica”, In *Escritos Políticos I*, op.cit., p. 363.

<sup>10</sup> Gramsci, A., “Programa de L’Ordine Nuovo”, In *Escritos Políticos I*, op.cit., p. 402.

<sup>11</sup> Gramsci, A., *L’Ordine Nuovo 1919-1920*, Edição de V.Gerratana-A.A.Santucci, Einaudi, Torino, 1982, p.489.

russos não são jacobinos, ou seja, por que não substituíram a ditadura de um só pela ditadura de uma minoria temerária e decidida a tudo, desde que triunfe seu programa? Porque eles perseguem um ideal que não pode ser apenas de poucos”<sup>12</sup>.

O que quero dizer é que nos escritos do período juvenil, que alguns analistas consideram ainda não genuinamente marxistas porque marcados por doses de voluntarismo e idealismo, afloram já as artérias principais da reflexão carcerária: a nova concepção de política, de filosofia, de educação, de cultura, de partido profundamente vinculada à realidade popular, ao desenvolvimento do protagonismo dos trabalhadores e das classes subalternas que aprendem a se organizar livre e conscientemente, a conquistar a hegemonia e a criar uma nova concepção de sociedade e de Estado a partir do autogoverno vivenciado no chão da fábrica, do “poder operário sobre os meios de produção”, quer dizer, “quando todo o poder econômico – e, portanto, todo o poder político – tiver sido transferido para a classe operária”<sup>13</sup>.

Desde os anos juvenis, portanto, Gramsci adquire a clareza de que a conquista do poder popular se afirma não só pela vontade e a ação política, mas se concretiza na capacidade de dirigir um sistema produtivo e administrativo democraticamente socializado: “Todo trabalho revolucionário só tem probabilidade de êxito quando se funda nas necessidades vitais e nas exigências culturais dos operários fabris e dos camponeses”<sup>14</sup>. No artigo “A conquista do Estado”, de fato, Gramsci argumenta que “A fórmula ‘conquista do Estado’ deve ser entendida em outro sentido: criação de um novo tipo de Estado, gerado pela experiência associativa da classe operária que substitui o Estado democrático-parlamentar”<sup>15</sup>. Quando, portanto, inspirado na Revolução russa e na experiência dos Conselhos de Fábrica, Gramsci associa recorrentemente<sup>16</sup> a apropriação do processo produtivo pelos trabalhadores com a recriação do Estado sobre essa base, está preparando o terreno para as

---

<sup>12</sup> Gramsci, A., “Notas sobre a revolução russa”, *Escritos Políticos I*, op.cit., p. 101.

<sup>13</sup> Gramsci, A., “Controle operário”, in C.N.Coutinho (org.), *Escritos Políticos II*, vol II 1921-1926, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2004, pp. 38-40.

<sup>14</sup> Gramsci, A., “Operários e camponeses”, in C.N.Coutinho (org.), *Escritos Políticos I*, vol I 1910-1920, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2004, p. 269.

<sup>15</sup> Gramsci, A., “A conquista do Estado”, *Escritos Políticos I*, op.cit., p. 262.

<sup>16</sup> Cf. Também *L'Ordine Nuovo 1919-1920*, op.cit. pp. 81 e 150.

grandes questões que vai enfrentar mais amplamente nos *Cadernos do cárcere*.

Os Conselhos de Fábrica, de fato, não desempenham apenas uma função política, cultural e pedagógica, mas constituem a célula base do Estado proletário pelo aprendizado que os operários fazem ao ensaiar um novo modo de produção mostrando de saber produzir mais e melhor que a burguesia: “A revolução proletária é tal quando dá vida e se encarna em um Estado tipicamente proletário, que garanta o direito proletário, que desempenhe suas funções essenciais como emanção da vida e da potência proletária”. É desta forma que os bolcheviques foram vitoriosos, porque “deram forma estatal às experiências históricas e sociais do proletariado russo [...] Romperam com o passado, mas deram continuidade, desenvolveram e enriqueceram a tradição vital da classe proletária, operária e camponesa”<sup>17</sup>.

## 2. A revolução nas reflexões do cárcere

Podemos, assim, entender porque nos *Cadernos do cárcere* Gramsci sustenta que “todo grupo social”, se constitui “sobre o terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica” e considera “orgânico” o intelectual que dá “homogeneidade e consciência” à própria classe seja “no campo econômico como também no social e político” (Q 12, § 1, p.1513), uma vez que “não se pode separar o homo faber do homo sapiens” (Q 12, § 3, p.1550). Indo além das intuições de J.J.Rousseau que via na formação da “vontade geral” a criação de um ser humano integrado no corpo social, Gramsci mostra que “os novos métodos de trabalho são inseparáveis de um determinado modo de viver, de pensar e sentir a vida” e que os trabalhadores quando se apropriam livre e criativamente do processo produtivo haverá “um novo nexos psicofísico de tipo diferente dos anteriores e indubitavelmente superior [...] e uma nova forma de sociedade” (Q 22, §11, pp.2164-66). Por isso, não imagina ser possível uma “reforma intelectual e moral sem que esteja vinculada a um programa de reforma econômica, pelo contrário, o programa de reforma econômica é justamente o modo concreto pelo qual se apresenta toda reforma intelectual e moral” (Q 13, § 1, p.1561). Esta visão nos leva a pensar

---

<sup>17</sup> Gramsci, A., “Tributo à história”, *Escritos Políticos I*, op.cit., p. 241.

que o combate à corrupção, tão na moda atualmente no Brasil, pode tornar-se um esforço inútil e desastrado se não for mudada a estrutura produtiva e realizada uma efetiva democracia popular capaz de “dirigir ou controlar quem dirige” (Q 12, § 2, p.1547), visando a socializar o poder econômico, político, jurídico e cultural.

Comemorar, portanto, os 80 anos da morte de Gramsci juntamente com os 100 anos da Revolução Russa, além da carga simbólica e o aprofundamento dos estudos que isto propicia, torna-se motivo de inspiração e revigoração para enfrentar as ofensivas deflagradas pela manipulação e o revisionismo, obsessivamente voltadas a realizar “a liquidação da tradição revolucionária, de 1789 até os dias de hoje”<sup>18</sup>. Evidentemente, com a incansável operação que visa mutilar Gramsci e desqualificar a Revolução bolchevique, a ideologia dominante e a imprensa mercenária demonstram abertamente suas grandes preocupações com o “espectro” ameaçador que hoje continua a rondar não só a Europa, mas o mundo inteiro.

Ao desenvolver, portanto, análises rigorosas sobre a Revolução russa, sobre suas conquistas e, também, sobre suas contradições e erros cometidos, não podemos perder de vista o seu profundo significado, os avanços e as perspectivas que disseminou não só naquele país, mas em muitas regiões do planeta. Lembro apenas que diversos analistas mostraram amplamente como “A Revolução de Outubro produziu de longe o mais formidável movimento revolucionário organizado na história moderna [...] Apenas trinta ou quarenta anos após a chegada de Lenin à Estação Finlândia em Petrogrado, um terço da humanidade se achava vivendo sob regimes diretamente derivados dos ‘Dez dias que abalaram o mundo’”<sup>19</sup>. Um conjunto esmagador de fatos e argumentos pode ser também encontrado nos escritos de D. Losurdo que documenta como, depois da Revolução bolchevique, não só a conclamação final do *Manifesto do partido comunista* de Marx é reeditada com o slogan

---

<sup>18</sup> Losurdo, D., *Guerra e Revolução. Um século após outubro de 1917*, Boitempo, São Paulo, 2017, p. 15.

<sup>19</sup> Hobsbawm, E., *A era do extremos. A breve história do século XX:1914-1991*, Companhia das Letras, São Paulo, 1997, p. 62.

“Proletários de todos os países, e povos oprimidos do mundo inteiro, uni-vos”, mas que “revoluções de inspiração socialista e marxista acontecem sobretudo em países em condições coloniais ou semicoloniais, em situações onde as diferenças de classe tendem a se configurar como diferença de casta, tornando agudo o problema do reconhecimento” seja interna como internacionalmente<sup>20</sup>. É incontestável, de fato, que ao longo do século XX, inspiradas e apoiadas pela Revolução russa, não só a África, a Índia, a China, a Indonésia e a América Latina foram mudando consideravelmente com suas lutas anticoloniais, mas também os países mais desenvolvidos tiveram que implementar um generoso “Estado de bem-estar social” para não sucumbir aos ventos que sopravam da URSS. Mais do que a Revolução francesa que, liderada por uma burguesia “iluminada”, chegou a detonar as monarquias e dar lugar a repúblicas liberais, a Revolução russa se tornou o emblema das insurgências das massas populares, da luta contra o nazi-fascismo, das reivindicações dos povos subjugados e, acima de tudo, o anseio de uma nova civilização sobre bases efetivamente democráticas.

Encarcerado pelo fascismo, Gramsci não esquece nem rompe com o período juvenil, pelo contrário, continua, aprofunda e desenvolve os germes derivados da Revolução russa e dos Conselhos de Fábrica. Não há dúvidas de que nas reflexões carcerárias amadurece análises mais ponderadas e dialéticas entre estrutura e superestrutura, “relações de forças” e ímpeto da vontade coletiva, função do partido e espontaneidade popular, entre o papel do jacobinismo e o protagonismo das massas populares, mas em nenhum momento diminui a grandiosidade e a importância da Revolução de Outubro.

No minicurso oferecido no início desta semana procurei tratar da concepção original e revolucionária contida na “filosofia da práxis” elaborada por Gramsci. Entre outros aspectos, salientei que essa concepção de mundo nasce não só da contraposição às outras teorias filosóficas e para combater as distorções e mutilações que ocorriam no marxismo, mas que emerge da realidade palpitante da história do seu tempo, da irrupção das massas

---

<sup>20</sup> Losurdo, D., *La lotta di classe. Una storia politica e filosofica*, Laterza, Roma-Bari, 2013, pp. 168.



populares na cena política no mundo moderno e contemporâneo. Neste sentido, tal como os levantes dos movimentos operários na Europa do século XIX haviam inspirado o pensamento original de Marx, a Revolução russa e os Conselhos de Fábrica de Turim foram o terreno concreto a partir do qual Gramsci elabora a sua teoria. Uma das maiores inovações revolucionárias operadas por Gramsci, de fato, é ter configurado “uma filosofia que é política e uma política que é filosofia” (Q 16, §9, 1860), mostrando que das classes trabalhadoras e dos subalternos politicamente organizados “nasce um novo modo de conceber o mundo e o homem, e que esta concepção não é mais reservada aos grandes intelectuais, aos filósofos profissionais, mas tende a tornar-se popular, de massa, com caráter concretamente mundial” (Q 15, § 61, p. 1826).

Com uma clara escolha de classe, a filosofia da práxis inaugurada por Marx e aprofundada na obra de Gramsci deixa de ser um exercício abstrato e especulativo e, partindo da “rica determinação de múltiplas determinações”, torna-se uma atividade dialética intimamente vinculada às reivindicações e às lutas dos dominados que expressam o “movimento real” da história. Esta visão inaudita quebra o monopólio da filosofia, da política, da educação e da cultura reservado às classes dominantes que sempre consideraram o povo criança, rebanho, inferior e massa ignorante.

Volto a enfatizar que Gramsci descreveu e interpretou a Revolução russa não “na posição de um homem de gabinete que estuda os fatos do passado, mas como um homem atual que participa da luta do seu tempo” (Q 15, §36, p. 1790). E que a sua atuação combativa não se limitou à efervescência revolucionária daqueles anos na Itália e na Europa, mas continuou também nas duras condições do cárcere fascista, como estudioso dedicado a investigar as modalidades que pode assumir a revolução no “Ocidente”, em outro contexto e situação. De fato, diversamente das revoluções eclodidas nos séculos XVIII-XIX e a que ocorreu no Oriente atrasado da Rússia, Gramsci dedica-se a pensar as possibilidades da revolução no “Ocidente” (uma conotação que não é meramente geográfica), frente à sofisticada dominação instaurada pela burguesia e ao complexo mundo do capitalismo avançado. Porque, se na Rússia as massas se dirigiram nas ruas

para expressar sua vontade política e deflagrar o assalto revolucionário de forma direta e explosiva, na Europa e na Itália o processo se tornava mais complexo devido à multiplicidade das organizações na sociedade civil, à ramificação do Estado e à poderosa esfera das superestruturas. Aqui, a “robusta cadeia de fortalezas e casamatas” que agem por trás da “trincheira avançada” do Estado (Q 7, §, 16, p. 866 ) tornam mais lenta, difícil e desgastante a luta política e a revolução. Por isso, Gramsci aponta a necessidade de realizar uma análise rigorosa das “relações de força” e um cuidadoso “reconhecimento do terreno nacional” em cada situação específica.

Nas investigações carcerárias, contrariamente aos que o consideram “reformista”, Gramsci não se afasta do objetivo fundamental da revolução, entendida como ruptura e superação do capitalismo e conquista da hegemonia pelas classes trabalhadoras e os subalternos. Na verdade, os fatores da subjetividade e da vontade e o papel das superestruturas não perdem seu valor, mas nos Cadernos se apresentam mais visivelmente ancorados nas estruturas materiais da sociedade, no mundo econômico e no antagonismo de classe. Por isso, a pergunta: “como nasce o movimento histórico sobre a base da estrutura” (Q 11, §22, p.1422) continua sendo fundamental porque conjuga os elementos da estrutura com os igualmente importantes da superestrutura.

Depois dos levantes revolucionários ocorridos entre 1789 e 1871, Gramsci mostra que no Ocidente foram se instaurando “revoluções passivas”, um expediente astuto dos governantes para manter-se no poder assimilando algumas reivindicações populares e esvaziando não só o perigo de insurreições violentas e de rupturas, mas também a capacidade de iniciativa dos grupos subalternos. Mas, o fato de Gramsci ter se dedicado a analisar as formas de “revolução passiva”, pela qual só “a ‘tese’ desenvolve todas as suas possibilidades de luta, até o ponto de incorporar os pretensos representantes da antítese” (Q 15, § 11, p. 1768), não significa que o horizonte da revolução “ativa e direta” não tenha mais possibilidade de ocorrer. Pelo contrário, ao desvendar o insidioso mecanismo da “revolução passiva ou revolução-restauração” (Ibid.), muito utilizado até hoje, Gramsci nos alerta contra as ciladas armadas pelas mais variadas propostas de acomodação e conciliação de classes e nos desafia a “sermos sempre integralmente nós mesmos e lançar

na luta todos os nossos ‘recursos’ políticos e morais” (Q 15, § 11, p. 1768), de modo a encontrar no mundo atual inteligente e dialeticamente os caminhos e as formas mais apropriadas da revolução, sem a qual as classes subalternas nunca vão poder sair da sua condição e conquistar a liberdade e a igualdade. Enquanto houver dominação, tanto para Marx como para Gramsci, a revolução continua na ordem do dia e sendo “a força motriz da história”<sup>21</sup>, embora possa não se repetir nas formas do passado.

O mesmo critério de interpretação aparece quando se examina a distinção feita por Gramsci entre “guerra de movimento” e “guerra de posição”, duas modalidades que, embora distintas, continuam sendo guerra. De fato, como não é possível separar consenso e coerção na conquista da hegemonia, a guerra de movimento e de posição não são excludentes. Dependendo das circunstâncias, pode prevalecer mais uma modalidade ou outra. Em todo caso, nos adverte Gramsci, se “a intervenção popular não for possível na forma concentrada e simultânea da insurreição”, é preciso construir o terreno com a “preparação política e ideológica de longo fôlego”, com a “forma ‘difusa’ e capilar da pressão indireta” (Q 15, §11, p. 1769). Quer dizer, mesmo que no Ocidente não esteja descartada a guerra de movimento, é necessário realizar um estudo cuidadoso da realidade e, acima de tudo, criar uma intensa rede de laços e uma organização política entre os múltiplos grupos e os diferentes movimentos populares que lutam na sociedade em diversas frentes contra a dominação. Não sendo “de assalto” rápido e exaltante, a guerra de “trincheiras” e “de posição”, muitas vezes demorada e inglória, é mais capilar e decisiva, “demanda sacrifícios enormes [...] e uma concentração inaudita de hegemonia”, torna-se “uma guerra de assédio, concentrada, difícil, na qual se exigem qualidades excepcionais de paciência e de espírito criativo”. E, pelo fato de ser “assédio recíproco” no qual “o dominante precisa lançar mão de todos os seus recursos demonstra qual o cálculo ele faça do adversário” (Q 6, §138, p. 802) e do valor da sua proposta alternativa. Nos nossos dias, podemos ter uma ideia deste tipo de “guerra” que está sendo travada palmo a palmo não só na esfera do trabalho, mas também na mídia, nas redes sociais, nas manifestações de rua, nas ocupações das favelas, nos movimentos sociais e nos setores

---

<sup>21</sup> Marx, K., *A Ideologia Alemã*, Martins Fontes, São Paulo, 1998, p.36.

populares disputados por diversas tendências, nas escolas e nas universidades, na cultura e no entretenimento.

### 3. É possível a revolução hoje?

Diante da “contrarrevolução” e do retrocesso imposto pelo capitalismo ultra-neoliberal, da desorientação das esquerdas, do fracasso da socialdemocracia e dos “governos progressistas”, podemos ser induzidos a olhar para a Revolução russa como um fato excepcional e irrepetível do passado sem nenhum vínculo com o presente. Uma visão totalmente oposta à posição de Gramsci que, mesmo encarcerado, continuou a analisar o campo aberto pelo enfrentamento de “relações de força” ativas que ocorre na sociedade, a afirmar que “a história permanece dialética” (Q 15, §62, p.1827) e a encontrar novos caminhos da revolução, combatendo a resignação, a inércia e o abandono da luta. Aqui lembro, apenas, que se na juventude Gramsci levantou críticas contra o reformismo, o parlamentarismo burguês e as covardias do PSI e sentiu a necessidade de criar o PCd’I, um partido mais coerente com as expectativas das classes trabalhadoras, no cárcere se insurgiu contra a “revolução passiva” engendrada pelo liberalismo de Croce, pelo fascismo, o “americanismo e fordismo”.

Na trilha da visão de Marx em *Para a Crítica da Economia Política*, Gramsci salientou que, para suprir à queda tendencial da taxa de lucro, o desenvolvimento do capitalismo estendido a nível planetário cria novas formas de exploração e exaspera a violência, multiplica as artimanhas político-financeiras e a demagogia ideológica até seus limites extremos, revelando, com isso, a insustentabilidade das suas contradições: “As forças contrapostas da lei tendencial e que se resumem na produção cada vez maior da mais-valia relativa têm limites, que são dados, por exemplo, do ponto de vista técnico, pela extensão e a resistência elástica da matéria e, do ponto de vista social, pela quantidade suportável de desemprego em uma determinada sociedade. Em outras palavras, a contradição econômica torna-se contradição política e é resolvida politicamente por uma subversão da práxis” (Q 10, § 33, p. 1279).

Evoco essa atualíssima análise, escrita na primeira metade dos anos 30, porque, entre outros resultados, a profunda crise que afeta hoje o Brasil está pondo à mostra exatamente as contradições inerentes a uma economia corporativa desesperada e a empresas cartelizadas, a um sistema que produz políticos covardes e mercenários, a um judiciário autocrático e seletivo, a um Estado funesto que por trás da hipocrisia do “estado democrático de direito” promove o estado de exceção e fomenta a selvageria da classe dominante.

Sem cair no “pessimismo da inteligência” ou no “otimismo da vontade” (Q 9, § 60, p. 1132), Gramsci oferece elementos de sobra para aprender a transformar a crise profunda da hegemonia burguesa em revolução e reorganizar politicamente os crescentes subalternizados, os trabalhadores penalizados, os precarizados, os desempregados, as forças populares e as rebeliões que se insurgem contra a situação catastrófica do capitalismo. Na verdade, mesmo em situação tão adversa, não faltam no Brasil organizações políticas e sindicais, movimentos sociais e populares, levantes de estudantes e professores, entidades e associações combativas em diversos setores da sociedade que reagem e procuram reinventar meios para transformar a situação vigente. Uma luta de grande intensidade que está se travando não só fora, mas dentro do próprio Estado, para democratizar radicalmente suas estruturas. Envolvidos nesse combate, não podemos também perder de vista que no mundo afora há “revoluções e lutas de classe entre as mais ricas da história mundial, mas as formas imprevistas e inéditas que elas assumiram têm levado muitos a não percebê-las”<sup>22</sup>.

Obviamente, no conjunto das expressões populares, embora existam relações e proximidades, ocorre fazer uma distinção entre pressões, opiniões, revoltas, mobilizações, manifestações, reivindicações, insurreições e revolução propriamente dita. A esta se chega com uma persistente organização política coletiva, subvertendo o sistema dominante e construindo uma nova sociedade e um novo Estado dirigido pelo poder popular. Tida como utopia ou excluída do horizonte da história atual, a revolução, ao contrário, se coloca como uma possibilidade real que pode até vir a assumir dimensões mundiais frente à

---

<sup>22</sup> Losurdo, D., *La lotta di classe*, op.cit., p. 179.

destruição e à degradação humana, social e ambiental produzida pelo capitalismo, à exasperação das suas trágicas contradições e ao acirramento das lutas de classe.

Paradoxalmente, os próprios meios da “revolução tecnológica” que a burguesia procura concentrar e manipular, concorrem a tornar as inúmeras batalhas nacionais, locais e setoriais mais visíveis e mundialmente articuladas. Neste sentido, para evitar que sejam neutralizadas e esmagadas é preciso considerar que toda a luta adquire maior consistência e sentido mais amplo quando não se limita a conquistas parciais e momentâneas ou a aceitar acomodações dentro do sistema, mas quando consegue convergir para um projeto construído em comum que revoluciona integralmente a realidade, socializando o poder e tornando a população efetivamente livre, criativa e soberana.

Concluo observando que, se o século XIX foi marcado pela Revolução francesa e o século XX pela Revolução russa, no século XXI não faltam sinais que apontam para a possibilidade de uma nova e mais profunda revolução fermentada pelas incontroláveis ebulições moleculares e pelas organizações populares disseminadas por toda parte, principalmente, nos países periféricos e subalternizados.

**Conferência de encerramento** do *Ciclo de Debates: 100 anos da Revolução Russa 1917-2017*. Evento promovido pela Universidade Federal da Paraíba: 06 a 10 de novembro de 2017.